

## ALERTA

### Descoberta de cogumelo silvestre mortal responsável pela maioria das intoxicações no Outono

O *Macrolepiota procera*, vulgarmente conhecido entre outros nomes vulgares por frade, gasalho, roque, marifusa, o da calcinha, púcara, roca, tortulho, é o cogumelo silvestre comestível mais apanhado e consumido em Portugal.

Esta espécie está presente, com muita frequência, na dieta alimentar de uma grande parte da população rural.

Por razões de desconhecimento e de receio, a nível familiar a apanha e o consumo restringe-se muitas vezes apenas a esta espécie, baseados num princípio de que é fácil a sua identificação, em particular pelas características do chapéu e pela existência de um anel, concluindo daí, de forma precipitada, não haver possibilidades de confusão com outros cogumelos.



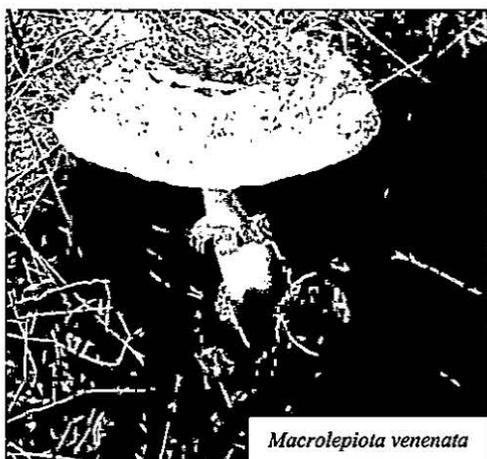
*Macrolepiota procera*

Foram no entanto recolhidos vários relatos de casos de intoxicação, alguns dos quais mortais, por pressuposta ingestão de *Amanita phalloides*, confundidos por *Macrolepiota procera*.

Os exemplares recolhidos e os testemunhos directos ou por terceira pessoa vieram confirmar que nunca se tratou de *Amanita phalloides*, apontando, de facto, para o consumo de *Macrolepiota venenata*, uma espécie semelhante nalgumas características ao *Macrolepiota procera*.

Ultimamente tem-se notado o aparecimento, com alguma frequência, de exemplares de *Macrolepiota venenata*. No entanto esta espécie, recentemente identificada, ainda está pouco estudada, sendo a informação produzida escassa e pouco divulgada.

A pouca atenção dada às características macroscópicas na identificação do *Macrolepiota procera*, o desconhecimento da generalidade das pessoas sobre a existência de uma espécie não comestível, muito semelhante, assim como a



manutenção do uso do alho e de objectos em prata como método vulgar de confirmação da comestibilidade dos cogumelos, têm conduzido à ingestão de *Macrolepiota venenata* e provocado intoxicações que foram do simples mau estar à morte, por falta de assistência atempada.

Numa altura em que cresce a pressão da colheita e se nota um aumento das populações de *Macrolepiota venenata*, por uma questão de saúde pública e para evitar intoxicações que de forma sistemática continuam a ocorrer todos os anos, afectando particularmente crianças e idosos, afigura-se premente alertar e dar a conhecer de forma alargada, a existência desta espécie semelhante e os riscos que derivam do seu consumo.

Resumida e comparativamente ao *Macrolepiota procera*: o *Macrolepiota venenata*, espécie tóxica a rejeitar, tem uma forma atarracada (o chapéu pode apresentar dimensões semelhantes ao frade mas o pé é mais pequeno); o chapéu, inicialmente globoso, não tem mamilo central; a cutícula rompe-se mais radialmente e as escamas são maiores e menos uniformes; as lâminas avermelham ao toque; o pé é liso e o bolbo do pé é marginado; o anel não é móvel, é mais simples e central; e, em jovem, toda a carne avermelha ao corte.

Contrariamente ao que a maioria das pessoas julga, não se pode facilitar com o *Macrolepiota procera*. A sua apanha exige de todos um aprofundado conhecimento das características distintas destas duas espécies, passíveis de confusão.

**José Luís Gravito Henriques**  
**Engenheiro Agrónomo**